

Título original: *Only Beloved*

Copyright © 2016 por Mary Balogh

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com a Maria Carvainis Agency, Inc., e a Agência Literária Riff Ltda.

Publicado originalmente nos Estados Unidos pela Signet, selo da New American Library, uma divisão da Penguin Group, LLC, Nova York.

*tradução:* Ana Rodrigues

*preparo de originais:* Milena Vargas

*revisão:* Camila Figueiredo e Pedro Staite

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Renata Vidal

*imagem de capa:* Lee Avison | Arcangel (foto);  
Kotkoa | Shutterstock (flores)

*foto da autora:* © David Wild

*e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B156a Balogh, Mary, 1944-

Um amor e nada mais [recurso eletrônico] / Mary Balogh; [tradução de Ana Rodrigues]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.

recurso digital (Clube dos sobreviventes; 7)

Tradução de: *Only beloved*

Sequência de: *Um beijo e nada mais*

Formato: ebook

Requisitos do sistema: auto executável

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5565-165-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Ana. II. Título. III. Série.

21-71108

CDD: 823

CDU: 82-3(410)

---

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

## CAPÍTULO 1



George Crabbe, duque de Stanbrook, continuou ao pé da escada diante de sua casa em Londres, na Grosvenor Square, a mão direita ainda erguida em despedida, embora a carruagem que levava suas duas primas de volta para Cumberland já estivesse fora de vista. Elas tinham saído cedo, apesar de a partida ter sido atrasada duas vezes por conta de alguns itens que haviam esquecido, ou melhor, temiam ter esquecido – primeiro uma criada e depois a própria governanta subiram correndo as escadas para dar uma última conferida nos quartos recém-desocupados, só por garantia.

As irmãs Margaret e Audrey eram primas em segundo grau de George. Tinham ido a Londres para o casamento de Imogen Hayes, lady Barclay, e Percy, conde de Hardford. Audrey era a mãe da noiva. Imogen também se hospedara na Casa Stanbrook até o casamento (que acontecera dois dias antes) não só por ser parente dele, mas, principalmente, porque não havia ninguém no mundo que George amasse mais. Era verdade que havia outras cinco pessoas que ele amava igualmente, mas Imogen era a única mulher do grupo e a única com quem George tinha laços sanguíneos. Os sete, incluindo ele, formavam o autodenominado Clube dos Sobreviventes.

Pouco mais de oito anos antes, George tomara a decisão de transformar Penderris Hall, sua propriedade no campo, na Cornualha, em um hospital e centro de recuperação para oficiais militares que tivessem sido gravemente feridos nas Guerras Napoleônicas e

precisassem de cuidados mais intensivos e mais demorados do que suas famílias pudessem providenciar. Ele havia contratado um bom médico, selecionara pessoas dispostas a atuar como enfermeiros e escolhera a dedo os pacientes que lhe eram recomendados. Foram mais de vinte ao todo, das quais a maior parte se recuperou e voltou para sua família ou seu regimento depois de algumas semanas ou meses. Mas seis deles permaneceram por três anos. Os danos que haviam sofrido variavam muito, nem todos físicos. Um exemplo era Hugo Emes, lorde Trentham, que foi levado para Penderris Hall sem sequer um arranhão no corpo, mas completamente fora de si, em uma camisa de força, para evitar que cometesse qualquer violência contra si ou contra outros.

Um laço profundo se formou entre os sete, um vínculo forte demais para ser rompido depois de deixarem Penderris e voltarem para suas respectivas vidas. Aquelas seis pessoas significavam mais para George do que qualquer outro ser humano vivo – embora, talvez, isso não fosse exatamente verdade, já que ele também tinha um carinho enorme pelo único sobrinho, Julian, pela esposa de Julian, Philippa, e pela filhinha deles, Belinda. George os via com frequência e era sempre um prazer. A família morava a poucos quilômetros de Penderris. O amor, é claro, não se expressa em hierarquias de preferência, manifestando-se de milhares de maneiras, e todas são amor por inteiro. Algo curioso, quando se pensa a respeito.

George baixou a mão, de repente se sentindo um bobo por estar acenando para o nada, e se virou para entrar em casa. Havia um criado perto da porta, sem dúvida ansioso para fechá-la. O rapaz devia estar tremendo da cabeça aos pés. Uma brisa fria de início da manhã soprava pelo pátio, atingindo-o em cheio, embora houvesse uma ampla extensão de céu azul, com algumas poucas nuvens espalhadas, prometendo um lindo dia de primavera.

Cumprimentando-o com um aceno de cabeça, George lhe pediu que fosse até a cozinha buscar um café para lhe servir na biblioteca.

Assim que entrou no cômodo, George reparou que a correspondência do dia ainda não fora entregue. A superfície da grande escrivaninha de carvalho diante da janela estava vazia, exceto por uma garrafa de água,

um tinteiro e duas penas. Quando o correio chegasse, traria a costumeira pilha de convites, já que estavam no auge da temporada social de Londres. Ele teria que selecionar bailes, *soirées*, concertos, peças de teatro, festas ao ar livre, cafés da manhã venezianos, jantares particulares e uma ampla gama de outros eventos. Enquanto isso, seu clube ofereceria companhia e distração agradáveis, assim como o Tattersalls, as corridas, o alfaiate e o sapateiro que fazia suas botas. E se George não desejasse sair, poderia ficar sentado ali mesmo, cercado de estantes de livros que iam do chão ao teto, interrompidas apenas por portas e janelas. Ele ficaria surpreso se houvesse espaço para mais um único livro nas prateleiras. Havia até alguns que ainda não lera, mas que sem dúvida gostaria de ler.

Era uma sensação agradável saber que podia fazer o que desejasse com o próprio tempo, até mesmo não fazer absolutamente nada, se fosse essa sua vontade. As semanas anteriores ao casamento de Imogen e os poucos dias desde então tinham sido extremamente agitados, não lhe permitindo muito tempo para si. Mas George apreciara a agitação e precisava admitir que o prazer que sentia naquela manhã por estar sozinho, livre e sem obrigações com ninguém se mesclava ao tédio. A casa parecia calma demais, mesmo que as primas não fossem hóspedes barulhentas ou caprichosas. Ele aproveitara mais a companhia das duas do que havia esperado. Afinal, eram praticamente estranhas. George passara anos sem vê-las.

Imogen era a amiga mais próxima que ele tinha e poderia ter causado um certo furor por conta das núpcias iminentes. Isso não aconteceu. Ela foi uma noiva nada exigente. Na verdade, se ele não soubesse, talvez nem sequer se desse conta de que Imogen estava organizando o próprio casamento, a não ser pelo brilho novo e pouco familiar em seu rosto, que aquecia o coração de George.

O café da manhã festivo, após o casamento, foi organizado na Casa Stanbrook. George insistira nisso, embora tanto Ralph quanto Flavian, ambos do Clube dos Sobreviventes, também tivessem oferecido suas casas para a festa. Metade da aristocracia compareceu, quase lotando o salão de baile e, inevitavelmente, se espalhando por outros cômodos nas horas que se seguiram à refeição e a todos os discursos. E *café da manhã*

talvez não fosse o nome mais adequado, já que a maioria dos convidados só deixou a propriedade tarde da noite.

George saboreou cada momento.

Mas as festividades haviam terminado. Depois do casamento, Imogen partiu com Percy rumo a Paris, em lua de mel. E, agora, Audrey e Margaret também haviam partido depois de o abraçarem com força, agradecerem efusivamente pela hospitalidade e insistirem para que George fosse visitá-las em breve em Cumberland.

Havia uma forte sensação de término naquela manhã. Houvera uma onda de casamentos nos últimos dois anos, que arrastara todos os Sobreviventes e o sobrinho de George, enfim, as pessoas a quem ele mais estimava no mundo. Imogen fora a última deles – com exceção do próprio George, é claro. Mas ele não contava: tinha 48 anos, dos quais vivera mais de doze como viúvo, depois de quase duas décadas de casamento.

Ficou satisfeito ao ver que a lareira da biblioteca tinha sido acesa. Estava gelado por ter ficado tanto tempo lá fora. Ele levou a cadeira para perto do fogo e estendeu as mãos para se aquecer. O criado chegou com a bandeja alguns minutos depois, serviu o café e deixou a xícara e o pires na mesinha ao lado do patrão, com um prato de biscoitinhos que cheiravam a manteiga e nozes.

– Obrigado.

George acrescentou leite e um pouco de açúcar ao café preto e se lembrou, aleatoriamente, de como a esposa sempre se irritara por ele agradecer mesmo o menor serviço realizado por um criado. Aquilo só fazia com que o respeitassem menos, ela insistia.

Parecia quase inacreditável que os outros seis Sobreviventes tivessem se casado nos últimos dois anos. Era como se os três anos desde que deixaram Penderris tivessem sido necessários para que se reajustassem ao mundo lá fora, depois da segurança e da proteção que a casa dele garantira durante a recuperação de todos, para, então, rápida e alegremente retornarem para suas vidas plenas e produtivas. Talvez, após pairarem por tanto tempo nas proximidades da morte e da insanidade, tivessem sentido necessidade de celebrar a vida. George também estava

certo de que todos teriam casamentos felizes. Hugo e Vincent já tinham um filho cada um, e havia outro a caminho para Vincent e Sophia. Ralph e Flavian também estavam na expectativa da paternidade. Até mesmo Ben, outro deles, lhe havia confidenciado dois dias antes que Samantha vinha se sentindo indisposta pela manhã e que torcia para que fosse por um bom motivo.

Aquilo tudo era profundamente emocionante para o homem que abrira sua casa e seu coração para aqueles homens – e uma mulher – tão maltratados pela guerra, que poderiam ter permanecido para sempre à margem da própria vida caso ele não os tivesse acolhido. Isso se houvessem sobrevivido.

George olhou com curiosidade para os biscoitos, mas não pegou nenhum. Preferiu segurar a xícara de café com as duas mãos, para aquecê-las.

Seria um completo absurdo de sua parte estar se sentindo ligeiramente deprimido naquela manhã? O casamento de Imogen havia sido uma ocasião alegre, deliciosamente festiva. George adorou vê-la cintilando de felicidade e, apesar de certa preocupação inicial, gostava de Percy e achava provável que ele fosse o marido perfeito para a amiga. George também tinha muito carinho pelas esposas dos Sobreviventes. Sentia-se como um pai convencido e orgulhoso, que casara todos os filhos e os encaminhara para finais felizes.

Talvez fosse esse o problema. Porque ele não era realmente o pai deles, não é mesmo? Na verdade, não era pai de ninguém. George franziu o cenho, os olhos fixos na xícara, pensando em acrescentar mais açúcar, porém descartando a ideia e tomando mais um gole do café. Seu único filho morrera aos 17 anos, no início da Guerra da Península, e sua esposa, Miriam, tirara a própria vida poucos meses depois.

A realidade era que estava muito, muito só, pensou, os olhos ainda fixos na xícara, a expressão perdida – embora não mais do que antes do casamento de Imogen e de todos os outros. Julian era filho do seu falecido irmão, não dele, e os seis companheiros Sobreviventes haviam deixado Penderris Hall cinco anos antes. Embora os laços de amizade tivessem permanecido fortes e todos se reunissem por três semanas todos

os anos, normalmente em Penderris, não eram uma família propriamente. Até mesmo Imogen era apenas prima em segundo grau, com uma geração de diferença.

Eles haviam seguido com suas vidas, todos os seis, e o deixaram para trás. Que pensamento terrível... *cheio* de autopiedade!

George bebeu o resto do café e pousou a xícara sem muita gentileza no pires, em seguida devolveu ambos para a bandeja e se levantou, inquieto. Foi para trás da escrivaninha e ficou olhando pela janela que dava para o pátio. Ainda havia pouca atividade ali, era cedo. As nuvens estavam mais esparsas do que no início da manhã, o céu de um azul mais uniforme. Era o tipo de dia feito para revigorar o espírito.

Estava se sentindo solitário, maldição. Até as profundezas da alma.

Quase sempre se sentira assim.

A vida adulta de George começara brutalmente cedo. Ganhara uma patente militar com grande empolgação aos 17 anos, depois de convencer o pai de que uma carreira no Exército era o que mais desejava na vida. Mas apenas quatro meses depois foi chamado de volta para casa, quando o pai descobriu que estava morrendo. Antes dos 18 anos, George já havia vendido sua patente de oficial da cavalaria, se casado com Miriam, perdido o pai e o sucedido como duque de Stanbrook. Brendan nasceu antes de George completar 19 anos.

Olhando para trás, ele tinha a impressão de que durante toda a sua vida adulta não fora nada além de solitário, com exceção daquele lampejo de alegria exuberante – que tinha durado um tempo curto demais – quando estava com o seu regimento. E houvera alguns poucos anos com Brendan...

George cruzou as mãos nas costas e se lembrou, tarde demais, de que na véspera combinara com Ralph e Ben de fazerem um passeio a cavalo pelo Hyde Park naquela manhã, caso suas primas realmente partissem cedo. Todos os Sobreviventes tinham ido a Londres para o casamento de Imogen e todos ainda estavam lá, exceto Vincent e Sophia, que haviam retornado para Gloucestershire na véspera. Preferiam ficar em casa, já que Vincent era cego e se sentia mais confortável nos arredores

conhecidos de Middlebury Park. E os noivos, é claro, estavam a caminho de Paris.

Não havia motivo para George se sentir solitário, e continuaria não havendo, mesmo depois que os outros quatro deixassem Londres e voltassem para casa. Ele tinha outros amigos ali, tanto homens quanto mulheres. E na Cornualha havia os vizinhos, que ele considerava amigos. E havia Julian e Philippa.

Mas *estava* se sentindo solitário, maldição. E a questão era que só fora capaz de admitir isso para si mesmo recentemente – na verdade, o fizera na semana anterior, em meio a toda a alegre agitação dos preparativos para o último casamento dos Sobreviventes. Chegara a se perguntar, com certo alarme, se por acaso se ressentia de Percy por ter conquistado o coração de Imogen e se casado com ela, por ter sido capaz de fazê-la rir e brilhar de novo. George também perguntara a si mesmo se a amava. Ora, sim, amava, concluía depois de franca consideração. Não havia a menor dúvida disso – assim como não havia nenhuma dúvida de que seu amor por ela não era *aquela* tipo de amor. Amava Imogen do mesmo jeito que amava Vincent e Hugo, e todos os outros: um amor profundo, mas totalmente platônico.

Nos últimos dias, ele flertara com a ideia de estabelecer outra vez uma amante. Havia feito aquilo em algumas ocasiões ao longo dos anos. Outras poucas vezes, chegara a se permitir *affairs* discretos com damas de sua classe – todas viúvas por quem não sentira nada além de afeto e respeito.

George não queria uma amante.

Na noite da véspera, permanecera acordado, olhando para o dossel sombreado acima da cama, incapaz de forçar a mente a relaxar e o corpo a dormir. Foi uma daquelas noites nas quais, sem nenhuma razão discernível, o sono lhe fugia, e, aparentemente sem nenhum motivo, surgiu em sua mente a ideia de que talvez devesse se casar. Não por amor ou para ter filhos – estava velho demais tanto para romance quanto para paternidade. Não que estivesse fisicamente impedido de ser pai, mas não queria crianças em Penderris de novo. Além do mais, se fosse o caso, teria que se casar com uma mulher jovem, e a ideia de se unir a alguém com

metade da sua idade não o atraía nem um pouco. Talvez atraísse a maior parte dos homens, mas não ele. Era capaz de admirar as jovens beldades que se aglomeravam nos salões de baile da moda durante a temporada social, a cada primavera, mas não sentia o menor desejo de levar nenhuma delas para a cama.

O que lhe ocorrera na véspera era que o casamento talvez lhe garantisse companhia, possivelmente uma amizade verdadeira. Talvez até mesmo alguém próximo de uma alma gêmea. E, sim, alguém que se deitasse ao lado dele na cama para aplacar a solidão e garantir os prazeres regulares do sexo.

George estava celibatário fazia tempo demais.

Ele viu dois cavalos andando ao longo da outra extremidade do pátio, guiados por um cavaleiro montado. Os dois animais estavam equipados com selas laterais. A porta da Casa Rees-Parry, que ficava na direção oposta, se abriu, e as duas jovens filhas da casa saíram e montaram com ajuda do cavaleiro. As duas usavam trajes de montaria elegantes. Os sons distantes de risadas femininas e de brincadeiras atravessaram o pátio e a janela fechada da biblioteca. Elas cavalgavam com animação evidente, o cavaleiro seguindo-as a uma distância respeitosa.

Era delicioso contemplar a juventude, mas George não sentia o menor desejo de fazer parte dela.

A ideia que lhe surgira na noite anterior não fora puramente hipotética. Viera acompanhada da imagem de uma mulher específica, embora George não conseguisse entender por que *aquela* mulher. Afinal, mal a conhecia e não pousava os olhos nela havia mais de um ano. Mas lá estava ela, muito vívida em sua mente, enquanto ele considerava a ideia de talvez se casar novamente. De se casar com *ela*. E lhe parecera uma escolha perfeita – a *única* escolha concebível.

Ele acabara cochilando e acordara cedo para tomar o café da manhã com as primas e se despedir delas. Só agora recordava os anseios estranhos da madrugada. Com certeza estava meio adormecido, já sonhando. Seria loucura se prender novamente a uma esposa, ainda mais a uma mulher que era quase uma estranha. E se ela acabasse não combinando com ele? E se ele não combinasse com ela? Um casamento

infeliz seria pior do que a solidão e o vazio que às vezes conspiravam para abatê-lo.

Mas agora esses pensamentos estavam de volta. Por que raios não saíra para cavalgar? Por que não fora ao White's Club? Poderia ter tomado o café da manhã lá e se ocupado com a conversa agradável de seus conhecidos, ou se distraído folheando os jornais do dia.

Será que ela aceitaria se George a pedisse em casamento? Seria arrogância da parte dele acreditar que sim? Por que, no fim das contas, ela o rejeitaria, a não ser, talvez, por não amá-lo? Mas ela já não era mais uma jovem cheia de sonhos românticos. Provavelmente seria tão indiferente ao amor quanto ele. George sabia que tinha muito a oferecer a qualquer mulher, além dos atrativos óbvios de um título importante e fortuna. Um bom caráter, sua amizade e... ora, tinha um *casamento* a oferecer. Ela nunca havia se casado.

Mas será que acabaria fazendo papel de idiota caso se casasse agora, quando já estava avançado na meia-idade? Mas por quê? Homens da idade dele, e até mais velhos, se casavam o tempo todo. Além disso, o interesse dele não estava voltado para uma jovencinha recém-saída da sala de aula. *Isso* seria patético. Sua busca era pelo conforto de uma mulher madura que talvez se interessasse por um conforto semelhante.

Era absurdo pensar que estava velho demais para isso. Ou que ela estava. Com certeza todos tinham direito à companhia, ao prazer, mesmo quando a juventude era uma coisa do passado. Mas ele não estava considerando seriamente fazer isso, estava?

Uma batida na porta da biblioteca anunciou a chegada de um rapaz trazendo um maço de cartas.

– Ethan – cumprimentou George, fazendo um aceno de cabeça. – Algo de interesse imediato ou urgente?

– Nada diferente do normal, Vossa Graça – respondeu Ethan Briggs enquanto dividia a pilha em duas e as pousava na escrivaninha. – Negócios e compromissos sociais – disse, indicando qual pilha era qual, como sempre fazia.

– Contas? – George apontou com o queixo para a pilha de negócios.

– Uma de Hoby por um par de botas de montar – explicou o

secretário – e várias despesas relacionadas ao casamento.

– É necessário que eu as examine? – George não pareceu gostar nem um pouco da ideia. – Pague todas, Ethan.

O secretário recolheu a primeira pilha.

– Leve o restante também – disse George. – Mande recusas educadas.

– Para todos, Vossa Graça? – Briggs ergueu as sobrancelhas. – A marquesa de...

– Todos – confirmou George. – Incluindo os que chegarem nos próximos dias, até segunda ordem. Vou deixar a cidade.

– Deixar a cidade? – O rapaz ergueu outra vez as sobrancelhas.

Briggs era um secretário eficiente e totalmente confiável. Já estava com o duque de Stanbrook havia quase seis anos. Mas ninguém é perfeito, pensou George. O homem tinha o hábito de repetir certas palavras que o patrão lhe dirigia, como se não conseguisse acreditar que ouvira direito.

– Mas há o seu discurso na Casa dos Lordes depois de amanhã, Vossa Graça – falou ele.

– Vale para isso também. – George acenou com a mão, dispensando o compromisso. – Partirei amanhã.

– Para a Cornualha, Vossa Graça? – perguntou Briggs. – Deseja que eu escreva à governanta, para informar...

– Não vou para Penderris Hall – respondeu George. – Voltarei... ora, quando voltar. Nesse meio-tempo, pague as contas, recuse os convites e faça o que mais for preciso para se manter ocupado.

O secretário pegou o resto da pilha de correspondência, despediu-se com uma reverência respeitosa e saiu.

Então ele ia mesmo fazer aquilo, não é?, perguntou-se George. Pedir em casamento uma dama que mal conhecia e a quem não encontrava havia tempos?

Como se pedia alguém em casamento? Na última vez que fizera isso, tinha 17 anos e fora uma mera formalidade, já que os pais de ambos haviam arranjado a união, combinado os termos e assinado o contrato. Os desejos e sensibilidades do casal envolvido não tinham sido levados em consideração, nem sequer consultados, em especial porque seu pai já